INCORPORAR-TE: ESPAÇO TERAPÊUTICO CORPO ARTES

FORMAÇÃO EM ARTETERAPIA

CONTOS EM NÓS: MERGULHO INTERNO E SUA EXPRESSÃO NA VIDA

Elaborado por:

Vanessa Pinto Gonçalves

Rio de Janeiro
Março, 2022.

Vanessa Pinto Gonçalves

CONTOS EM NÓS: MERGULHO INTERNO E SUA EXPRESSÃO NA VIDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Incorporar-te: Espaço Terapêutico Corpo Artes, como requisito parcial à conclusão de curso de Formação em Arteterapia.

Orientador: André Ximenes

Rio de Janeiro
Março, 2022.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....06

1 Contos nos contam.....10

2. Mergulhando em feridas profundas.....18

3. Eu sinto, nós sentimos.....22

4. Toda história verdadeira permeia dor e prazer.....26

CONCLUSÃO.....30

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....33

ANEXOS.....35

Contar pra vida viver

Certa vez, ouvi um conto
Ele mexeu comigo, trouxe encanto
Um sonho, numa perspectiva, antes esquecida
Soube que menina queria que a vida
Fosse uma aventura onde eu era a dona
E por estranha sina, de tanto desejar,
Não é que essa história viria?
Soube que seria, nos caminhos dançaria
E que eu cantaria, pra enfrentar a mesquinharia
Do dia a dia, da vida vazia, mas como eu queria,
Eu não me importaria
O que quer que fosse preciso, era certo, buscaria
E transformaria, dava meu jeito e trilharia,
Mas conquistar eu ia!
Claro, eu tive parceria,
Daquela boa, verdadeira, com amor,
Se não nem seria
Amar-o-elo, eu sentia
E amizade, prosa matuta, saudade
Conquistei o que meu coração pedia
Vô, vó, mãe, tia, pai, irmão, tudo família
Agradecia, ninho aquecido, do jeito que podia
E nada mais eu perderia
Pois chegou o momento que por mim eu lutaria
Mudei minha postura, meus hábitos, e onde chegaria?
Precisei de terapia, de muita sintonia, gostei de astrologia
De troca, de chamego, riso e aconchego, parecia magia
E mais arteterapia, pra lidar com o medo
Olhar a parte sombria, com sabedoria
E solidão, conexão pra desapegar da ilusão
Trabalho e profissão é seguir o coração
Já que liberdade é lugar de coragem
Audácia e uma boa dose de ancoragem
Nos irmãos que escolhi
E vi gente como eu era, eu senti!
Sem máscara pra encobrir a beleza
Da fragilidade que com certeza
Gera bondade pela pureza
Pois expor a alma é força, e não fraqueza
Ah, sim, onde eu queria ir?
Isso você sabe: apenas sentir
O sabor da vida: no corpo, na alma,
O gosto de estar vivo tem dor e prazer.
A dança, o brilho, o poder viver,
A paz de espírito, a sexualidade viva e a delícia de ser
O conto que dizia, de amor, de poesia
Na vida seguir com tempo e ousadia
Pra ser travessia!

(Vanessa Gonçalves)

RESUMO

O presente artigo visa apresentar a importância dos Contos e Mitos no processo de grupo, como recurso arteterapêutico para acessar conteúdos expressivos, resultando nas análises simbólicas das diversas formas de manifestações artísticas. A temática principal se apoia nos contos narrados durante o percurso do trabalho de estágio de formação em arteterapia, bem como nas expressões dos símbolos produzidos pelos participantes durante o processo coletivo. Este artigo se dedica a demonstrar a prática da arteterapia dentro da análise simbólica dos contos e mitos, através da percepção da expressão sensorial dos participantes por intermédio das histórias narradas e seus efeitos.

Palavras-chave: grupo – contos – mitos – arteterapia – análise – simbólica

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apresentar as percepções da arteterapia[1] a partir das vivências no curso de formação, sob a orientação do professor André Ximenes, e da experiência de estágio em grupo terapêutico, sob a supervisão da professora Rozemar Maria Cândido.

O estágio foi realizado de forma remota, todas as terças, com duração de 2 horas e meia, contando com um grupo inicial de 9 participantes, sendo 6 mulheres e 3 homens, de faixa etária entre 27 a 52 anos, em parceria com Raquel Trindade Andrade, também em formação pelo Espaço Incorporar-te.

A prática em grupo arteterapêutico agrega aprofundamento para o profissional que atua, bem como o trabalho clínico individual com pacientes, já que essas experiências desenvolvem importantes recursos para serem utilizados no acesso e análise das expressões simbólicas, como elucida Carvalho (2008), sobre a arte produzida como "arte catalisadora":

> Uma abordagem de Arte-Terapia focada, fundamentalmente, na arte, permite, ao indivíduo, a imersão num caudal de criatividade, o que, adequadamente canalizado pelo contexto relacional terapêutico, contém, em si, um efeito potencialmente organizativo. Assim sendo, proponho designar a arte realizada em contexto terapêutico como *Arte Catalisadora*. A composição da palavra catalisador provém de catálise + dor. Catálise origina-se da palavra grega 'katalysis', que remete para 'dissolução' o qual, literalmente, poderíamos entender como a arte dissolutiva da dor emocional, no fundo a grande finalidade de qualquer intervenção psicoterapêutica. Mas, em português catalisar também

[1] A Arte-Terapia é definida pela Sociedade Portuguesa de Arte-Terapia (SPAT) como um método de tratamento terapêutico para o desenvolvimento pessoal, que faz uso e integra diferentes mediadores artísticos. A relação terapêutica é estabelecida através da interaçãoentre o paciente, considerado o 'criador', o objeto de arte, que é a 'criação' executada no *setting*, e o arte-terapeuta, utilizando recursos como a imaginação, o simbolismo e as metáforas. Este contexto facilita a comunicação, a reorganização dos conteúdos internos, a expressão emocional significativa e o aprofundar do conhecimento interno, libertando a capacidade de pensar e a criatividade (Carvalho, R. **A arte de sonhar ser.** *Imagens da transformação.*Pomar. Rio de Janeiro, 2001).

> significa estimular, dinamizar e desencadear, o que é próprio ao processo desenvolvido internamente nos pacientes comprometidos com a arte.

O propósito para a prática em grupo originou do projeto de Estágio denominado *Travessia*[2], com o intuito de ampliar o autoconhecimento, para expandir a expressão e percepção de mundo de participantes pré-selecionados.

A busca pelo despertar uma conexão interior individual e em roda[3], objetiva uma experiência que se faz curativa em grupo, a partir da percepção Jungiana do inconsciente coletivo, que se possibilita constelar em grupos sociais:

> Mas se permanecermos nós mesmos, veremos que a atmosfera coletiva entra-nos na pele. É impossível viver na África, ou em qualquer outro desses países sem tê-los penetrados no sangue da gente. Não se pode impedir que isso aconteça, pois em algum lugar somos também um negro, ou um chinês ou qualquer outro homem do mundo, em tal hora somos apenas seres humanos da mesma raça que todos os homens. Temos os mesmos arquétipos, bem como todos possuímos fígado, olho e coração.[4]

Sendo assim, através da integração e vivência do coletivo, esse projeto proporcionou a escuta, a troca interpessoal, trazendo à consciência os conteúdos das *imagens arquetípicas*[5], que segundo Silveira (1992), "configuram

---

[2] O simbolismo da viagem, particularmente rico, resume-se no entanto na busca da verdade, da paz, da imortalidade, da procura e da descoberta de um centro espiritual. Já consideramos anteriormente as navegações, a travessia do rio, a busca das ilhas. (...) A viagem enquanto progressão – que encontramos no budismo sob a forma de vias, veículos, travessias – exprime-se muitas vezes como um deslocamento ao longo do Eixo do mundo. (...) Neste sentido, a viagem torna-se o signo e o símbolo de uma perpétua recusa de si mesmo, da diversão da qual falava Pascal, e seria preciso concluir que a única viagem válida é a que o homem faz ao interior de si mesmo. (Chevalier J. *et* Gheerbrant J. C. A. **Dicionário dos Símbolos.** 18ª Edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2003 – p. 951, 952, 953)

[3] A roda participa da perfeição sugerida pelo círculo, mas com uma certa valência de imperfeição, porque ela se refere ao mundo do vir a ser, da criação contínua. (...) Sua rotação permanente é renovação. Dela nasceram o espaço e todas as divisões do tempo. (Chevalier J. *et* Gheerbrant J. C. A. **Dicionário dos Símbolos.** 18ª Edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2003 – p. 783, 784)

[4] Jung, C. G. **Fundamentos de Psicologia Analítica.** 10ª Edição. Petrópolis. Ed Vozes, 2001 – p. 41,42

[5] Arquétipo significa um 'Typos' (impressão, marca impressão), um agrupamento definido de caracteres arcaicos, que, em forma e significado, encerra motivos mitológicos, os quais surgem em forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas e no folclore (Jung, C. G. **Fundamentos de Psicologia Analítica.** 10ª Edição. Petrópolis. Ed Vozes, 2001 – p. 33, 34)

vivências primordiais da humanidade, semelhantes nos seus traços fundamentais".

Cada integrante do grupo teve interação através da experiência remota, pois os mesmos se encontravam situados em regiões geográficas diversas, de outros estados do país, e até mesmo de fora[6]. Contudo, houve o estabelecimento de um vínculo de apoio mútuo que, se comparado às vivências de grupos *in loco*, foi proporcionalmente satisfatória.

Para tanto, as principais ferramentas utilizadas foram os contos e mitos[7] de diversos povos e culturas, bem como as técnicas expressivas da arteterapia. A inspiração do projeto surgiu do sentimento que existe em se relacionar com contos e histórias, desde sempre, tanto para crianças quanto para adultos, nas múltiplas culturas ao longo do tempo.

Os mitos trazem simbologias e mensagens do universo encantado, que se vive ao abrir a *porta*[8] das narrativas, que são contadas de geração em geração, trazendo brilho aos olhos daqueles que contam e dos que ouvem. Não por acaso, o acompanhamento da professora Rozemar tem um embasamento profundo, pautado na experiência de um canal perceptivo e intuitivo como estímulo para as práticas expressivas através de mitos e contos.

Os trabalhos expressivos que evocam sensações, acessam no corpo o que o material expressa.

> Embora possa ser desenvolvida a partir de diferentes referenciais teóricos, a arteterapia se define em todos eles por um

---

[6] Paraná, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Portugal.

[7](...) as figuras mais significativas da mitologia grega, em particular, representam, cada uma, uma função da psique e as relações entre elas exprimem a vida psíquica dos homens, dividida entre as tendências opostas que vão da sublimação à perversão (...) viram nos mitos uma representação da vida passada dos povos, sua história, com seus heróis e suas façanhas, sendo de alguma maneira reapresentada simbolicamente ao nível dos deuses e de suas aventuras: o mito seria uma dramaturgia da vida social ou da história poetizada. (Chevalier J. *et* Gheerbrant J. C. A. **Dicionário dos Símbolos.** 18ª Edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2003 – p.611)

[8] A porta tem também uma significação escatológica. A porta como local de passagem, e, particularmente, de chegada, torna-se naturalmente o símbolo da iminência do acesso e da possibilidade de acesso a uma realidade superior (ou, inversamente, da efusão de dons celestes sobre a terra). (Chevalier J. *et* Gheerbrant J. C. A. **Dicionário dos Símbolos.** 18ª Edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2003 – p.736)

> ponto em comum: o uso da arte como meio à expressão da subjetividade. Sua noção central é que a linguagem artística reflete (em muitos casos melhor do que a verbal) nossas experiências interiores, proporcionando uma ampliação da consciência acerca dos fenômenos subjetivos.[9]

Ao se realizar um trabalho com materiais artísticos, é possível evocar sensações que percorrem o universo interno do ser em terapia, podendo trazer às vezes uma sensação de maior leveza, às vezes de peso, às vezes arrepios, sono, dor ou prazer.

Pode-se analisar inúmeros exemplos de ressignificação dos conteúdos a partir de pacientes em atendimento, de grupos arteterapêuticos e da autopercepção corpórea na *experienciação*[10] do arteterapeuta, de acordo com cada material utilizado e em momentos emocionais distintos destes, pois Jung acreditava "na possibilidade de o homem organizar seu caos interior utilizando-se da arte" (Andrade, 2000, p.52).

A partir dessas reflexões, se torna viável ampliar o universo de possibilidades em arteterapia, obtendo resultados cada vez mais potentes, onde se pode expressar a liberdade de cada ser que se permite acessar sensivelmente, em técnicas tão simples e complexas, ao mesmo tempo. Emergem, a partir de tais reflexões, autopercepções singulares e lúcidas sobre as histórias de vida dos citados anteriormente.

---

[9] Ciornai, S. **Arte-terapia: o resgate da criatividade na vida.** In M. J Carvalho (Org.), *A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia.* Editorial Psy II. Campinas, São Paulo, 1995.

[10] Portanto, para se fazer arte em Arte-Terapia é imprescindível a relação terapêutica, de boa qualidade, de confiança, assim como o papel contentor do arte-terapeuta, que motiva o paciente a ser um criador, arriscando a fazer "arte". Entretanto, de modo igual, o próprio '*fazer'*, o exercício criativo, a experiência, a vivência artística, permitem com que a pessoa se solte, se liberte da sua "armadura" e se deixe experienciar a própria capacidade criativa e de imaginação. (Martins, D. de C. e S. **Arte-terapia e as potencialidades simbólicas e criativas dos mediadores artísticos.** Universidade de Lisboa. Lisboa, 2012 – p. 60,61)

1. Contos nos contam

No trabalho, intitulado "*Contos em Nós*: Mergulho[11] interno e sua expressão na vida", expôs-se o convite à reflexão sobre os afetos, a qualidade do movimento de introspecção, extremamente necessário para dar sentido à existência humana.

No entanto, o movimento de introspecção se torna subestimado, visto que pouco se estimula o contato com uma qualidade de saúde mental na vida moderna, dita "corrida". A negação da qualidade de vida, seja física ou emocional, social e energética, desencadeia processos de ansiedade, depressão, bem como transtornos de personalidade e situações sociais desafiadoras, que são naturalizados e normalizados, em demasia, na sociedade hodierna.

> Além do trabalho alienado fragmentar o próprio homem e separá-lo de sua atividade profissional, ele o aliena de sua espécie. O homem só se reconhece enquanto tal na companhia de outros homens. Portanto, há necessidade da presença de interlocutores ao trabalhar prazerosamente, se divertir, amar e ser suprido nas suas necessidades básicas. Este sentimento de pertencimento à espécie humana é destruído pela força da alienação. Tornam-se todos coisas, objetos: são os processos de coisificação, objetificação – alienam-se de outros homens, alienam-se da própria vida.[12]

O atendimento individual deve ser a premissa para dar início a um grupo terapêutico, a fim de permitir que o psicoterapeuta esteja em conexão com cada um dos participantes e de suas subjetividades, já que conhecer cada um tem um sentido para o processo de todos em atravessar a estrada que leva a aprofundar o autoconhecimento no coletivo.

---

[11] Mergulhos podem ser dados na profundeza do ser. (Martins, D. de C. e S. **Arte-terapia e as potencialidades simbólicas e criativas dos mediadores artísticos.** Universidade de Lisboa. Lisboa, 2012 – p. 93)

[12] Câmara, M. V. A. apud Rogers C. **Reich, Grupos e Sociedade.** 1ª Edição. São Paulo. Editora Anna Blume, 2009 – p.26.

Os preparativos da *jornada interior*[13] tem partida com o processo da entrevista inicial, onde cada participante foi questionado sobre as seguintes reflexões, relevantes ao trabalho:

1 – O que te tocou para entrar nessa Travessia?

2 – Qual é a sua busca mais profunda nesse momento?

3 – Como as histórias tocam você?

4 – Como você se permite sonhar?

5 – Como você se permite sentir?

6 – Como você se permite imaginar?

7 – Como você observa o seu corpo reagindo às histórias:

a. que ouve?
b. que vê?
c. que lê?

8 – O que você espera deixar nesse grupo?

9 – O que você espera levar desse grupo?

10 – O que mais te incomodou nessa entrevista?

Os questionamentos supracitados são reveladores do lugar interno dos participantes com relação ao processo de arteterapia, sendo possível compreender o que os toca e o que significa essa jornada para cada um, o que os traz e o que se espera levar do grupo, além de analisar conflitos e aspectos inconscientes.

[13] Na arteterapia junguiana, o psicólogo acompanha a pessoa em seu caminho para a autorrealização, dialogando e procurando facilitar essa jornada através da arte. (Reis, A. C. dos. **Psicologia: ciência e profissão.** *Arteterapia: a Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo*. CESUSC – Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina. Santa Catarina, 2014 – p. 153)

A partir da entrevista inicial, um diagnóstico do grupo se revela, como um mapa a priori, que norteia o caminho a seguir, indicando questões na construção da identidade, bem como aceitação de si mesmos, segundo Fraisse (2006), a partir do *Círculo Psico-orgânico*, "no ponto 3 a pessoa se apropria dela, reconhece-a, identifica-a, brinca com ela. Esse é, então, o ponto da identidade, quando a criança diz 'Eu', 'É meu' – sinal da apropriação de seu território, distinto do outro. É interessante observar uma criança brincando na praia: ela anda, se aventura, cria jogos na areia, brinca com as ondas como se estivesse sozinha, completamente absorta nas suas atividades; depois, de repente, volta para perto dos pais, a fim de se sentir segura e descansar um pouco antes de ir embora outra vez (...)".[14]

Pode-se compreender melhor o momento em que o grupo se encontra, tendo por base a qualidade da permissão para ser e estar no processo, a liberdade para sentir e expressar, os bloqueios, os medos e perdas atravessadas como um todo a partir dali e durante o trajeto experimentado.

> O processo do Grupo de Encontro se inicia, segundo Rogers, com defesas ou conchas exteriores por parte de seus membros. Aos poucos, há o desmascaramento, o desvelamento e o surgimento de sentimentos verdadeiros e autênticos. Não é incomum inicialmente temer-se a expressão de afetos "negativos" como a raiva. No entanto, no grupo, por conta do clima de consideração positiva incondicional reinante, constrói-se um espaço de aceitação da manifestação (aceitação do eu), inclusive agressiva, do outro. Desse modo, se instaura uma sensação de confiança e calor entre os componentes do grupo. Assim, o auto-conhecimento, o conhecimento do outro e as relações interpessoais vão sendo aprofundadas, através de *feedbacks* e confrontações, em um nível anteriormente inalcançável e, consequentemente, a mudança vai se instalando. Ao final, o grupo apresenta maior independência de seus membros, menos afetos ocultos, maior abertura para o novo e maior oposição a relações rígidas.[15]

---

[14] Fraisse, Anne. **Escola Francesa de Análise Psico-Orgânica.** *Manual De Ensino*. Volume 6. Rio de Janeiro, 2006 – p.36.

[15] Câmara, M. V. A. apud Rogers C. **Reich, Grupos e Sociedade.** 1ª Edição. São Paulo. Editora Anna Blume, 2009 – p. 161.

O início do trabalho em grupo é marcado pelo simbolismo do plantio, que se ilustra pelo conto: *"O Comprador de Sonhos"*[16], onde o herói Agapito está na busca por melhorar de vida e vivenciar uma maior conexão com o que deseja. Para isso, na história, ele planta[17] aquilo que acredita. O trabalho expressivo é o de plantar uma semente ou grão da escolha de cada participante, que simboliza o semear do início da travessia.

O segundo trabalho que se experiencia ainda no princípio do ciclo arteterapêutico apresenta *"Mitos de Criação"*[18], uma leitura simbólica sobre a criação do mundo através do olhar da cultura *tupi-guarani*[19], que traz o nascimento de *Tupã*[20] na imensidão do deus criador *Yamandu*[21]. A partir da mitologia citada, os participantes são convidados a realizar uma expressão simbólica dos sentimentos e sensações advindas do início de ciclo, a própria criação primeva, onde, ao pingar o xadrez líquido no papel, irão sair do estado de controle, uma forma livre e espontânea de entrega ao material disposto.

> Há algo de ritualístico na pintura, começando pela preparação dos materiais e pelo próprio manuseamento. A liquidez dos materiais poderá ter algo de regressivo, envolvendo um balancear entre sujar e limpar, entre conspurcar e procurar o equilíbrio estético, entre o

---

[16] Matos, Gislayne Avelar e Sorsy, Inno. **O Ofício do contador de histórias.** Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2005.

[17] A planta, primeiro estágio da vida, simboliza, acima de tudo, o nascimento perpétuo, o fluxo incessante da energia vital. Na tradição védica, se as plantas têm virtudes medicinais, é porque são elas próprias dádivas do céu e as raízes da vida. (Chevalier J. *et* Gheerbrant J. C. A. **Dicionário dos Símbolos.** 18ª Edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2003 – p.723)

[18] **Mitos de Criação**: a mitologia tupi-guarani. YouTube, 2015. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=cwvZ8dXYx5g. Acesso em 15 de abril de 2021.

[19] A família Tupi-Guarani integra o tronco Tupi e, segundo o linguista Aryon Dall'igna Rodrigues (2002, p. 32), destaca-se entre outras famílias linguísticas do Brasil e da América do Sul pela extensão territorial sobre a qual suas línguas estão distribuídas. (Rodrigues A. D. **Correspondências lexicais e fonológicas entre Tupi-Guaraní e Tuparí.** *In*: CABRAL, A. S. A. C., e A. D. RODRIGUES, *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. EDUFPA. Belém, 2002.)

[20] Tupã – "Creio que o nome Tupii, com o significado de "tempestade", funda-se numa onomatopéia muito antiga, na qual tu reproduz o trovão, e pã a pancada do raio. Neste sentido, tu se encontra em ytú, "queda d'água, (água trovejante, ruidosa). Pã, segundo o próprio Montoya, significa "batida", e 'é o som do próprio objeto'. ". (Unkel, 1987)

[21] Na aldeia Hawa-Tymara, em uma casa de pau a pique construída com cobertura de palha e outras partes de amianto, moram Abílio, Ivani, Isaque, Nhamandy, Yamandu e Kwaray Tatahendy, respectivamente, pai, irmã e sobrinhos (filhos de Ivani) de Ivan. Todos levam Guarany registrado em seus sobrenomes. (...) escolheu e registrou os seguintes nomes: Kwaray, Yamandu e Nhamandy, variações que significam o sol; a primeira de uso cotidiano e a segunda no contexto espiritual. (Andrade, W. S. **A etnicidade guarani entre seus intelectuais:** *Uma comparação entre Bolívia e Brasil*. Universidade de Brasília. Brasília, 2019 - p. 202)

> confronto com algo de abjecto e o encontro de uma imagem concreta com sentido estético.[22]

O resultado da dinâmica traz estórias criadas a partir da imagem que se forma no papel de cada participante: um quantum da vida de cada um deles, numa escrita criativa a ser lida e comentada na roda terapêutica.

Os trabalhos realizados no momento inicial do grupo, trazem reflexões a respeito do Ponto 1 do Círculo Psico-orgânico, referente ao aspecto denominado A Necessidade, segundo Fraisse (2006), "Este ponto corresponde à fase da fusão intra-uterina, do nascimento, do primeiro mês de vida da criança, da fase oral. Não é, com efeito, o momento de fazer, de agir, de dar, mas, ao contrário, de receber, aceitar, se nutrir, ser carregado, se abandonar. Poucos adultos têm consciência de suas necessidades, porque isso exige estar à escuta de sua criança interior, do bebê em cada um de nós, e aceitar sua fragilidade, aceitar ser dependente do outro; o outro é para o bebê a mamãe, o papai, o círculo familiar, e, para o paciente, seu psicoterapeuta".

Na sequência, a leitura do conto "*A Mulher-Esqueleto*"[23], aprofunda o mergulho no inconsciente, no simbólico do feminino sagrado, escondido no fundo das águas, no simbólico da morte, trazendo os conteúdos mencionados para a *egrégora* formada pelos participantes.

> Como vemos na história, se quisermos ser alimentados por toda a vida, precisaremos encarar e desenvolver um relacionamento com a natureza da vida-morte-vida. Quando temos esse tipo de relacionamento, não saímos mais por aí à caça de fantasias, mas nos tornamos conhecedores das mortes necessárias e nascimentos surpreendentes que criam o verdadeiro relacionamento. Quando encaramos a Mulher-esqueleto, aprendemos que a paixão não é uma coisa que se vai "obter" mas, sim, algo gerado em ciclos e distribuído. É a Mulher-esqueleto que demonstra que uma vida compartilhada, nos

[22] Carvalho, R. **O potencial da arte ou a arte catalisadora.** Conferência apresentada no II Encontro Luso-Brasileiro de Arteterapia. Rio de Janeiro, 2008.
[23] Estés, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos.** 1ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 2018 – p. 155 - 157.

> fluxos e refluxos, em todos os finais e reinícios, é o que cria um inigualável amor de devoção.[24]

A princípio, cada integrante é convocado a fazer um contorno na imagem que foi apresentada no encontro anterior, feito a partir do material com tinta no papel. O objetivo do trabalho expressivo é ampliar a forma que mais chama atenção no todo da imagem, como um símbolo que traga algum significado emergente.

Ao fazer um contorno, com caneta hidrográfica, na parte principal da imagem do trabalho anterior, fica demarcada uma forma, a partir da qual, será criada uma história, que contará um pouco do cenário atual da vida deles. Após a atividade sugerida, a sensação proveniente do contorno da imagem será expressada no corpo, a partir de um movimento corporal, dança, ou postura, que remeta à mesma.

O segundo momento, se utiliza do contato com a argila, material por onde é possível exprimir a forma que se apresentou ao sentir o contorno na vivência. A argila traz apropriação interna, sensação importante para com o próprio corpo; fortalecedor da presença, física e emocional, com cada um deles no trabalho vivido.

> Existem inúmeras técnicas que podem ser usadas pelo psicólogo em um trabalho de arteterapia na linha junguiana, propondo-se atividades específicas ou simplesmente disponibilizando ao indivíduo diferentes materiais à sua escolha (papéis, giz pastel, tintas diversas, aquarela, argila, etc.). Embora, Nise da Silveira trabalhasse apenas com a expressão livre e espontânea dos pacientes, na arteterapia, o psicólogo pode também estruturar as atividades expressivas a partir de alguns objetivos ou temas pertinentes ao caso em questão, visando com isso a auxiliar a pessoa em seu processo de individuação. Tal como postulado por Jung, a individuação designa o processo no qual um ser se torna realmente uma unidade, uma

[24] Estés, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos.** 1ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 2018 – p. 158.

> totalidade, pela integração consciente de seus vários aspectos inconscientes, manifestando a sua unicidade (...).[25]

Ao analisar os materiais simbólicos que chegam dos trabalhos expressivos, é possível dar sequência ao processo a partir dos sentimentos atrelados a estes, onde será base para compreender as necessidades individuais de cada um, bem como, do coletivo ali disposto. A abordagem no outro encontro, sobre o ninho que os acolheu no início da vida, elucida a qualidade do lar que tiveram na infância, tendo como referência o conto *"O Patinho Feio"*[26].

A referida etapa constitui o importante questionamento de como foi o lugar, quais os vazios e preenchimentos emocionais, o que teria sido importante e o que seria fundamental, se teve amor o suficiente para gerar segurança interna, ou se o amor ficou em falta.

> Na fantasia dos pais, qualquer dos filhos que tenham será perfeito e refletirá apenas o jeito de ser dos pais. Se a criança for rebelde, ela pode, infelizmente, ser alvo de repetidas tentativas dos pais no sentido de realizar uma cirurgia psíquica, pois eles estarão tentando remodelar a criança e, mais do que isso, alterar o que a alma da criança exige dela mesma. Embora sua alma exija ver, a cultura ao seu redor exige a cegueira. Embora sua alma deseje exprimir sua verdade, ela é forçada ao silêncio.[27]

Trabalhos tão intensos, quanto os mencionados anteriormente, são baseados naquilo que se observa ao longo do percurso, e nas orientações supervisionadas sobre as expressões e trocas vivenciadas no grupo terapêutico. Resulta, do referido trabalho, o fortalecimento do eu e do autocuidado, de cada atendido, e uma nova forma de reconhecer e expressar o que precisa

---

[25] Reis, A. C. dos. **Psicologia: ciência e profissão.** *Arteterapia: a Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo.* CESUSC – Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina. Santa Catarina, 2014 – p. 152, 153.
[26] Andersen, Hans Christian. **O Patinho Feio.** Ed. Scipione. Primeira edição, 1843.
[27] Estés, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos.** 1ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 2018 – p. 201.

singularmente: movimento que valida as reais necessidades de todos, em meio às necessidades do outro, como um espelho de empatia e reconhecimento.

As sensações e pensamentos se manifestam mais ou menos assim: “eu também preciso, mereço, permito e posso ser cuidado, por mim e pelo outro de quem também cuido”. O complemento à atividade reflete aquilo que os participantes sentem falta, o que gostariam que fosse diferente nesse ninho, o que cumpriu sua função dentro daquele contexto, o que foi possível, mas que não atendeu às expectativas do que era necessário ou esperado por cada um deles.

Após tal reflexão, a atividade se baseia em incluir um retrato na expressão produzida, ou seja, colocar uma foto deles quando criança e / ou um objeto afetivo dentro do ninho produzido por eles individualmente, que represente a necessidade deles. A partir da percepção da atividade como um todo, é integrado um lugar de autorresponsabilidade e autocuidado na subjetividade deles.

> As potencialidades materiais e pessoais relacionam-se no processo criativo, de acordo com a ‘materialidade’ ativada. Simbolicamente a imagem formada espelha o criador. O indivíduo reconhece-se e identifica os aspetos mais difíceis de si mesmo, bem como as suas ‘áreas cegas’. A criação artística facilita o estabelecimento de uma linguagem própria. Os recursos artísticos disponibilizados são um veículo de comunicação, mas também um palco de atuação. A relação com o material desenvolve-se através dos sentimentos de coerência e segurança, por meio dos quais a espontaneidade é favorecida. Através dessa relação, os processos de identificação se sobressaem, e ao mobilizar as potencialidades da matéria, o indivíduo mobiliza as próprias potencialidades criativas. Assim como, o próprio sistema simbólico é impulsionado, pelas potencialidades simbólicas dos recursos artísticos, oferecendo a possibilidade de criação e renovação simbólica pessoal.[28]

[28] Martins, D. de C. e S. **Arte-terapia e as potencialidades simbólicas e criativas dos mediadores artísticos.** Universidade de Lisboa. Lisboa, 2012 – p. 124)

Outra atividade, pautada nas reflexões mencionadas, se baseia no mito africano *"A Canção dos Homens"*[29], resgatando a memória de ancestralidade, a partir da escolha da música que nos remete ao início da vida, que traz para um lugar de importância, de sentido e de pertencimento. A música que marca o momento do primeiro lugar interno de existência.

A proposta referente a esse tema trouxe uma ritualística ao longo da semana do encontro em questão, onde o desafio seria preparar alguma forma particular de celebração da própria existência, remetendo a um renascimento. A atividade subsequente, consistiu em elaborar uma imagem, fosse desenho ou símbolo, que representasse a origem, a partir da sensação e do sentimento da canção escolhida para os participantes, por si próprios. Então, ao ouvir a música naquele momento, cada membro é levado a tecer uma escrita criativa sobre a experiência.

2. Mergulhando em feridas profundas

Em todo processo terapêutico, é necessário mexer em situações desconfortáveis e dolorosas da própria história, para que a manifestação de cura interior se nutra e desenvolva, a partir da percepção das questões mais complexas.

Durante uma boa parte da travessia, a jornada foi pautada no contato profundo com o conto *"O Sonho de Ismar"*[30], que fala de um homem que, em um momento de dúvidas internas e, a partir de um sonho, incorreu em uma busca impulsiva, com confiança de que este sonho se realizaria. O caminho dele é experimentado por provações e a necessidade de encarar suas questões mais delicadas, sua sombra, e lidar consigo mesmo, com profundidade.

---

[29] Phanem, Tolba. **A Canção dos Homens.** YouTube, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dSr6OAhq9Y4. Acesso em 15 de maio de 2021.
[30] Pamplona Rosane. **O sonho de Ismar.** Novas Histórias Antigas, Ed. Brink-book.

O trabalho sobre o referido conto se divide em algumas etapas, a considerar:

1 – O Sonho (Chamado) – etapa onde o participante entra em contato com o desejo mais profundo em sua vida, “o que veio para ser, para realizar verdadeiramente”. Os participantes são convidados à introspecção, através da imaginação ativa, respiração e expressão em um símbolo, ou desenho espontâneo.

2 – Mapa da História – O segundo momento baseado neste conto, que mostra o caminho para se chegar ao sonho. Trazia o mapa da história, que apresentava a travessia a ser percorrida, em busca desse sonho, refletido na primeira atividade. Nesta etapa, existe a elaboração de uma colagem com imagens que representam três situações: o momento atual, os obstáculos do caminho e o sonho que eles buscam.

3 – Sombra como caminho – O terceiro momento relacionado a este conto, traz o contato com a sombra, pois Ismar, personagem do conto supracitado, se depara com um mendigo no lugar que sonhara haver um tesouro.

Sombra é o aspecto tenebroso, manifestado a partir daquela parte pouco vista, rejeitada, por vezes esquecida, odiada. Sendo assim, “O arquétipo da sombra é uma expressão dos desejos básicos e antissociais que desejamos enterrar no inconsciente, que sentimos que pode nos impelir a atos destrutivos, se perdermos o controle sobre ela”. (FONTANA, 2010, p.25).

Os integrantes do grupo estiveram em um diálogo intenso com seus aspectos sombrios e puderam olhar para as próprias questões internas, mais complicadas e incompreendidas, buscando trazer consciência e aproximação desses lugares pouco visitados interiormente, sentindo e acolhendo, com contorno do grupo de participantes e de terapeutas em atuação.

A atividade propõe a confecção de uma máscara em cartolina escura, ensejando o contato com essa sombra, por cada participante e, após construído

este rosto, obter as percepções que irrompem a partir de sua utilização, como estes objetos os tocam e os provocam.

Após esse movimento inicial, os membros estabelecem um diálogo com suas sombras, conferindo-lhe um nome e características particulares. A partir dessa conversa profunda, os integrantes fazem o movimento de sentir e de se expressar no espelho trajando a máscara confeccionada, a fim de perceber quem seria aquela pessoa, que não se revela no cotidiano: o que ela busca e pretende, e tudo mais que esse arquétipo desvelar.

Um trabalho intenso em várias camadas, que foram associadas aos obstáculos do percurso, feito antes: “como atrapalha e / ou contribui com o caminho de cada um”.

4 – Desapego do coração – Devido à intensidade do trabalho, fora necessário um desdobramento de desapego a esse rosto que apareceu, tal como no conto, em que Ismar se despede do mendigo com um abraço, pois lhe foram ensinadas lições valiosas nesse encontro e, agora, era necessário seguir o caminho de volta, em retorno ao seu tesouro real, verdadeiro, interno.

Trata-se de uma despedida dos aspectos sombrios, para não permanecer nesse lugar da sombra, integrando e digerindo melhor esses conteúdos recebidos. Para tanto, utilizamos como complemento o conto: “As babuchas de Abu Kasem”[31], que fala das complicações associadas ao excesso de permanência naquilo que já deveríamos ter deixado partir.

Para essa proposta, foi realizado o trabalho de ocagem, onde cada participante confeccionaria, em argila, um símbolo representando seus corações. Em seguida, ao manipularem o objeto, os integrantes são convidados a retirar os excessos - representando os resíduos emocionais. Estes refugos, podem ser transformados em algo novo ou descartados, dependendo da necessidade emocional de cada um dos participantes.

---

[31] Pamplona Rosane. **As babuchas de Abu Kasem**: *Uma história das arábias.* Novas Histórias Antigas, Editora Brink-book.

> Estar integrado com o Universo é ser naturalmente o Feminino Divino, onde o amor é a resposta a todas as perguntas. É observar e participar da vida ao mesmo tempo. Despertar essa deusa significa dar ouvido e voz aos chamados de nosso coração, que é o único caminho que nos devolve à felicidade. É a deusa que abre as portas de acesso às camadas mais profundas de nosso ser. Seu caráter se revela em três níveis, nos domínios do mundo e da humanidade: corpo, alma e espírito e céu, terra e mar.[32]

5 – Tesouro interior – A última etapa desse processo encerra uma visualização guiada pelo terapeuta, onde os participantes, por um caminho imaginativo, vão percorrendo ao longo de cada cena do conto, até chegar ao retorno para casa. De acordo com Johnson (1991), baseado em um mito que veremos mais adiante, "assim como Parcifal, fizemos uma longa jornada de ida e volta – do Jardim do Éden à Jerusalém Celestial, de castelo em castelo, ao Graal".[33]

Durante o referido percurso, o herói do conto, Ismar, descobre que o tesouro está na simplicidade dele mesmo, de sua vida, de sua humilde casa e de "sua amada figueira", narrada no final da estória. Assim, Ribas *et* Tommasi (2016), afirmam que "o tema do regresso está presente nos mitos e contos de fada, quando o herói ou heroína após passar por muitas provações, encontra o caminho que o conduzirá ao lar (...)"

A reflexão proposta, portanto, seria a de revisitar todas as atividades até o encontro vigente, e preparar um baú de tesouros, próprio para cada integrante, de acordo com a singularidade de cada membro, fazendo um sentido emocional com a história que viveram e sua relação com o que sentiram no conto em voga. Para tanto, os integrantes deveriam colocar em uma caixa ou recipiente, objetos que representem seus tesouros de memórias, lembranças e desejos afetivos, de forma simbólica ou concreta.

---

[32] Bodemeier, L. *et* Falaschi, C. L. **Resgate Do Feminino Através Das Deusas Gregas Na Arteterapia.** *Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo.* Revista de Arteterapia da AATESP, vol. 7, N. 2, 2016 – p.84.

[33] Johnson, Robert A. **He: A Chave do Entendimento da Psicologia Masculina.** Edição 1991. São Paulo. Editora Mercuryo, 1987 – p. 103

3. Eu sinto, nós sentimos

O contato com os materiais proporciona intensas percepções internas, relacionadas aos sentimentos, junto às sensações. Isso é perceptível a partir dos relatos de todos os participantes do grupo terapêutico à medida em que expressam, ao longo do tempo, os sentimentos na argila, no papel, através das tintas, colagens, sucatas, e tantas outras formas vivenciadas.

Iniciada a etapa da jornada do herói[34], o foco do trabalho muda, visto que o norte do trabalho é *"O Mito de Parcifal"*[35], marcando a saída do universo da grande mãe, e inaugurando a chegada às demandas do patriarcado.

No contato com a linhagem paterna, é rememorado a vivência das memórias simbólicas da ancestralidade masculina, a partir da atividade da dinâmica do herói, que evoca a conexão simbólica, imaginativa e energética, com toda a linhagem paterna.

A dinâmica do herói, enquanto recurso de expressão em arteterapia, consiste em um processo de âncora, em que cada participante é convidado, a partir de uma imaginação ativa, a visualizar que estão se colocando no lugar dos parentes da linhagem paterna. Assim, cada integrante do grupo vai assumindo as posturas de cada um de seus ancestrais por vez: pai, avô, bisavô e tataravô, buscando a conexão simbólica com as sensações e identidades de cada um deles no próprio corpo deles a partir da vivência proposta.

A apropriação da postura dos parentes citados, permite a eles, assumirem internamente sensações, sentimentos, pensamentos, intuições, que cada um teria, em algum momento mais significativo da própria existência.

---

[34] (...) a história de um menino sem nome, nascido no País de Gales. Naqueles dias, nascer em Gales era nascer nos confins do mundo Isso nos lembra um pouco as Escrituras: "Que bem poderá vir de Nazaré?". Aparentemente, Nazaré e Gales estavam por baixo, na mente coletiva. Pois é justamente de lá que virá nosso herói: o herói, o socorro, vem sempre de onde menos se espera. Mais tarde ficaremos sabendo que o nome desse menino é Parcifal, o "tolo ingênuo". (Johnson, Robert A. **He: A Chave do Entendimento da Psicologia Masculina.** Edição 1991. São Paulo. Editora Mercuryo, 1987 – p. 29)

[35] Johnson, Robert A. **He: A Chave do Entendimento da Psicologia Masculina.** Edição 1991. São Paulo. Editora Mercuryo, 1987.

As referências internas, ancestrais ou mesmo simbólicas, em se assumir o lugar do outro, o parente que antecede a cada um deles, possibilita também uma reflexão acerca do que aqueles antecessores esperam deles. Todos os valores de força, virtude, potência, bem como os padrões de aprisionamento e repetição trangeracionais também são provenientes deles.

Por ser uma atividade muito mobilizadora, é necessário ressaltar as reverberações cuidadosas ao entrar em contato com emoções adormecidas dessas linhagens: famílias de adoção, famílias que descendem de escravos, famílias sem contato afetivo, famílias com questões de agressão e abuso, famílias desconhecidas, famílias que doem de lembrar, famílias que não se conhecem de fato, famílias sem diálogo, famílias possíveis, famílias de todo tipo e configurações.

A partir das sensações expressadas por meio da imagem, surge uma frase: eles escrevem e compartilham sobre a frase síntese, que norteia o conteúdo principal coletado por cada participante e onde neles a experiência toca com mais carga emocional. No momento em questão, é relevante o olhar para as seguintes provocações: “Qual é a minha luta? / Qual é a aventura que eu quero viver? ”.

> Eis uma resposta para a intrigante pergunta que nos acompanhou todo esse tempo: A que serve o Graal? O Graal serve ao Rei do Graal. (...) Creio que uma forma moderna para a pergunta feita por Parcifal, a forma que teria mais significado para nós, seria: “Para que vivemos?” Assim que essa pergunta for feita, e desde que tenhamos coragem para ouvir a resposta, teremos a surpresa de encontrar nela a fórmula para curar todas as feridas de *Fisher Kings*[36]. (...) Temos já os indícios da resposta à grande pergunta sobre o

[36] (...) o Fisher King deparou-se com um acampamento abandonado. Curiosamente, porém, havia ainda um fogo aceso e um salmão sendo assado num espeto. O menino ingenuamente serviu-se de um pedaço do peixe, num gesto muito natural, pois estava com fome. O peixe queimou seus dedos de forma horrível (...) levou os dedos à boca para aliviar a queimadura e ao fazê-lo pôde sentir um pouco do gosto do salmão. Mas estava gravemente machucado e passou desde então a ser chamado Fisher King, por ter sido ferido por um peixe. (Johnson, Robert A. **He: A Chave do Entendimento da Psicologia Masculina.** Edição 1991. São Paulo. Editora Mercuryo, 1987 – p. 21, 22.)

> significado da vida, se formos a fundo o suficiente e se tivermos suficiente consciência para ouvir e entender a resposta.[37]

Dando sequência, os participantes trabalham com uma nova imagem, de construção própria, com materiais livres, que signifique uma bandeira, o brasão da família paterna à qual eles acessaram profundamente, que represente o afeto de memórias ancestrais, da força dessa energia masculina simbólica que cada um deles carrega em sua história familiar.

Na continuidade do trabalho, ainda com mesmo enfoque, ou seja, em contato com a ancestralidade masculina, narramos o conto do *"Príncipe Ardil e os Leões".*[38] A análise a ser elaborada na referida etapa, consiste no recurso da coragem para enfrentar as batalhas na jornada, expressando a partir de materiais metálicos, as armas[39] simbólicas que possuem para lutar.

O leão, mencionado no conto, traz o sentido de "Poderoso, soberano, símbolo solar e luminoso ao extremo, o leão, rei dos animais, está imbuído das qualidades e defeitos inerentes à sua categoria".[40]

Para construção das armas que cada um se utilizaria a fim de lutar com o próprio leão, sob o ponto de vista, os materiais mais coerentes seriam os metálicos e as sucatas.

A proposta se baseia em construir a arma que mais faz sentido para cada participante, enquanto expressão interna ao acesso a este lugar de luta, o que

---

[37] Johnson, Robert A. **He: A Chave do Entendimento da Psicologia Masculina.** Edição 1991. São Paulo. Editora Mercuryo, 1987 – p. 100, 101.
[38] In: GRILLO, Nicia (org.). **Histórias da Tradição Sufi.** Editora Dervish. Rio de Janeiro, 1993.
[39] Em qualquer hipótese, a arma materializa a vontade dirigida para um objetivo. Certas armas são feitas de ligas muito complexas ou de combinações alternadas de metais. (Chevalier J. *et* Gheerbrant J. C. A. **Dicionário dos Símbolos.** 18ª Edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2003 – p. 80)
[40] Ibidem, p. 538

resultou em objetos simbólicos, como: chave[41], cajado[42], arma com mira, arco e flecha[43], lanterna[44], arma sonora para distrair o inimigo, e mais.

A última atividade referente a esse aspecto de acesso à energia masculina, enquanto símbolo de força, foi baseada no conto *"A Princesa Obstinada"*[45], que narra o movimento de acesso aos recursos necessários à subsistência e produtividade, de aceitar o desafio que aparece.

O desafio é o de ir além do esperado: superação e resiliência diante da travessia, como é mencionado por Fraisse, Anne (2006), no Ponto 7 do Círculo Psico-orgânico, denominado A Expressão:

> Após ter feito uma escolha (6), renunciando a todos os possíveis; após ter escolhido com consciência e responsabilidade, a pessoa vai encarnar essa escolha – é a fase da realização, da fabricação, da construção, do fazer e do agir. O desejo se encarna na matéria por meio de uma expressão, sob uma forma, com um limite, num dado espaço-tempo, o que requer a aceitação de uma perda de perfeição e da não possibilidade de volta atrás. Isso marca, deixa um rastro, uma impressão, uma lembrança. A ação implica um preço a pagar para chegar lá, perseverança, competências (...)

---

[41] O simbolismo da chave está, evidentemente, relacionado com o seu duplo papel de abertura e fechamento. (...) A chave é, aqui, o símbolo do mistério a penetrar, do enigma a resolver, da ação dificultosa a empreender, em suma, das etapas que conduzem à iluminação e à descoberta. (Chevalier J. *et* Gheerbrant J. C. A. **Dicionário dos Símbolos.** 18ª Edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2003 – p. 232, 233)

[42] O bastão aparece na simbólica sob diversos aspectos, mas essencialmente como arma, e sobretudo como arma mágica; como apoio da caminhada do pastor e do peregrino; como eixo do mundo. (...) Apoio, defesa, guia, o bastão torna-se cedro, símbolo de soberania, de poder e de comando, tanto na ordem intelectual e espiritual, como na hierarquia social. (Chevalier J. *et* Gheerbrant J. C. A. **Dicionário dos Símbolos.** 18ª Edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2003 – p. 123, 124)

[43] O tiro com arco resume exemplarmente a estrutura da ordem ternária, tanto por seus elementos constituintes – arco, corda, flecha – como pelas fases de sua manifestação: tensão, distensão, arremesso. Vale ressaltar que o simbolismo sexual mostra, aqui, com especial evidência, seu indissolúvel elo com as atividades de caça e de guerra. (Chevalier J. *et* Gheerbrant J. C. A. **Dicionário dos Símbolos.** 18ª Edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2003 – p. 74)

[44] Eram símbolos da iluminação e da clareza de espírito. (...) Os comerciantes oferecem lanternas aos templos budistas para atrair a prosperidade para o seu comércio, e os militares, para favorecer a vitória de suas armas. (Chevalier J. *et* Gheerbrant J. C. A. **Dicionário dos Símbolos.** 18ª Edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2003 – p. 536)

[45] In: GRILLO, Nicia (org.). **Histórias da Tradição Sufi.** Editora Dervish. Rio de Janeiro, 1993.

A atividade implica em construir o próprio reino deles, como acontece no conto, com os recursos possíveis, a partir do que eles já possuem em casa, além de objetos da natureza e símbolos de afeto.

4. Toda história verdadeira permeia dor e prazer

A etapa final da travessia consiste em olhar para o mito pessoal[46]: a história de cada um deles de forma simbólica, mergulhando em cada aspecto mais marcante da vida, eventos relevantes, refletindo sobre seus contratos e crenças. A finalidade, a partir desse ponto, é entrar em contato com a história vivida até o momento e, após essa reflexão, entrar no processo de reescreverem as próprias histórias, com base no que hoje percebem que realmente são, o que escolhem ser e viver: um novo mito.

> C. G. Jung, por exemplo, com sua teoria do inconsciente coletivo, demonstra-nos que os mitos são representações espontâneas vindas do inconsciente, de verdades psicológicas e espirituais. Para ele, os mitos fazem sentido para todos porque representam, de forma alegórica, os "arquétipos", ou seja, padrões de vida universalmente reconhecidos. Um mito está para a sociedade em geral, assim como o sonho está para o indivíduo. O sonho mostra a alguém uma verdade psicológica importante sobre si próprio. O mito, em contrapartida, mostra uma verdade psicológica importante que se aplica a toda a humanidade.[47]

Para entrar em contato com esses aspectos, a técnica de arteterapia utilizada foi a do pergaminho[48], onde passaram por uma imaginação ativa,

---

[46] A mitologia era sagrada para os povos primitivos; era como se os mitos contivessem suas almas. Suas vidas eram por ela embaladas, e a morte dessa mitologia – como aconteceu aos índios norte-americanos – significou a destruição de suas identidades e até de suas vidas. (Johnson, Robert A. **He: A Chave do Entendimento da Psicologia Masculina.** Edição 1991. São Paulo. Editora Mercuryo, 1987 – p. 13)

[47] Johnson, Robert A. *apud* Jung, C. G. **He: A Chave do Entendimento da Psicologia Masculina.** Edição 1991. São Paulo. Editora Mercuryo, 1987 – p. 13, 14.

[48] Da palavra grega papyros, que deu papel e que derivaria de uma palavra egípicia significando o real. O papiro é um equivalente do livro. (...) O papiro enrolado, nos hieróglifos, significava o conhecimento. O fato de ser enrolado e desenrolado corresponde aos dois movimentos de involução e evolução, aos dois aspectos esotéricos e exotéticos do conhecimento, à alternância do segredo e da revelação, do não manifesto e do manifesto. Do ponto de vista psíquico, ele exprime as duas fases de impulso e de repouso,

retornando às idades, como que descendo por uma escada, sentindo cada etapa da vida, até o momento anterior ao nascimento: como os pais os desejavam? O que esperavam deles? Que sentimentos permeavam essa família? E então, eles retomavam à subida da escada, sentindo as imagens chegarem para cada uma dessas fases da vida. Os símbolos seriam desenhados, pintados, expressados.

> (...) o caminho para a restauração do conteúdo interior fragmentado, produtor de sofrimento psíquico, passa necessariamente pela imaginação, proporcionando a criação de novos símbolos significativos e integrados. Obtendo-se significados, os símbolos comunicam com o mundo externo e também servem de ligação com a vida inconsciente.[49]

Após a elaboração dos desenhos, cada imagem recebe um nome. Depois, chegava espontaneamente uma frase síntese para essa história vivida até o momento, que trazia o sentido da crença familiar, os contratos estabelecidos com essa família. A frase chega, se tornando base do grande drama do mito, a questão do conflito central da história deles.

O desdobramento deste trabalho era construir um mito sobre a própria história, de forma analógica, e utilizamos como referência "A Lenda das areias"[50], uma história na linguagem, que traz toda travessia do rio, por onde se experimenta a passagem da vida. De forma emocionante, eles conseguem escrever e ir integrando aspectos difíceis, com aprofundamento e coragem!

Trabalhamos essas experiências em algumas etapas, onde eles vivenciam no corpo as sensações do grande drama do mito, através de uma condução nossa, respirando e sentindo, e vão percebendo no espelho essa expressão.

Depois desse primeiro momento, vão utilizando os recursos internos para sair desse estado, modificando sua postura corporal e se percebendo frente ao

---

de exaltação e de expressão. (Chevalier J. *et* Gheerbrant J. C. A. **Dicionário dos Símbolos.** 18ª Edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2003 – p. 683)

[49] Martins, D. de C. e S. **Arte-terapia e as potencialidades simbólicas e criativas dos mediadores artísticos.** Universidade de Lisboa. Lisboa, 2012 – p.26.

[50] In: GRILLO, Nicia (org.). **Histórias da Tradição Sufi.** Editora Dervish. Rio de Janeiro, 1993.

espelho. Após o mergulho na vivência supracitada, os participantes constroem um material que mais represente as sensações corporais que sentiram na experienciação (alguns utilizam argila e outros expressam no giz pastel). Eles constroem a sensação dos dois estados: o drama e a saída dele - solução.

De acordo com Ciornai (1995), “o propósito fundamental da Arteterapia é resgatar a criatividade na vida, ou seja, focar no exercício do criar livremente, apoderando-se assim do sentido de se sentir presente e participante.”

Ao finalizar essa travessia, retornamos ao primeiro conto: “O comprador de Sonhos”[51], onde iniciamos a jornada com a busca do Agapito, no plantio do sonho deles. Ao rever toda a travessia, foi perceptível quanto de mudanças os integrantes viveram durante o percurso desse 9 meses de encontros sequenciais, uma gestação de si mesmos: enfrentamento da dor, acolhimento consigo e uns com os outros, força do grupo para realizar desejos e afirmação do eu.

Para chegar em um novo mito, que encerra a caminhada até aqui, eles foram desafiados a fazer uma autoimagem transformada e transformadora, onde em uma foto preferida deles em preto e branco, iriam colorir com cores fortes que remetem ao ouro[52], dourado, prata, colar paetês, lantejoulas e outros materiais semelhantes. Assim, cada participante evoca a sensação simbólica de empoderamento, riqueza, reconhecimento, autovalorização.

> A reação positiva do paciente em Arte-Terapia diante de uma criação é de grande valor para o processo terapêutico. O sentido de se fazer algo “bonito”, criativo e expressivo traz à pessoa o sentido de valorização pessoal e de capacidade criativa.[53]

---

[51] Matos, Gislayne Avelar e Sorsy, Inno. **O Ofício do contador de histórias.** Editora Martins Fontes, São Paulo, 2005.

[52] Considerado na tradição como o mais precioso dos metais, o ouro é o metal perfeito. (...) Tem o caráter ígneo, solar e real, até mesmo divino. Em certos países a carne dos deuses é feita de ouro, o que também se verifica com os Faraós egípcios. (Chevalier J. *et* Gheerbrant J. C. A. **Dicionário dos Símbolos.** 18ª Edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2003 – p. 669)

[53] Martins, D. de C. e S. **Arte-terapia e as potencialidades simbólicas e criativas dos mediadores artísticos.** Universidade de Lisboa. Lisboa, 2012 – p.66.

O autorretrato ornado por eles, possibilitaria a cada um, encontrar internamente uma atitude de ousadia em explorar o lugar interno de segurança, fortalecimento, garra, vitalidade e fibra, que eles vivenciam no dia a dia, mas precisam se lembrar de tal potência dentro de si mesmos.

A referida vivência marca no grupo o melhor que devem e merecem ter da vida, do que desejam para que floresça na sua existência, servindo de base para o novo mito que agora acessam e se permitem à experiência no corpo, na alma, uma travessia mais consciente.

Dentro da realidade interna de cada um, foi possível vislumbrar uma maior presença dos participantes com a própria vida, a partir do que se apresenta na rotina de cada membro. A partir do que vivenciaram, terão acesso aos recursos que descobriram ao longo do processo da arteterapia em grupo, das trocas potentes que experimentaram, da voz da criança interior que pôde enfim se expressar. E ao adulto, aquele que foi permitido sair do modo automático, da vida produtiva para o externo e que pôde integrar aos momentos de pausa, para olhar para dentro, encontrar com seu real sentido, sonhar e desejar com mais presença e verdade.

Assim, o encerramento do estágio se deu, em um último encontro, onde os integrantes se permitiram receber de cada um do grupo, e entregar a cada um do grupo, um presente simbólico, ao escrever em forma de bilhete, um valor para levarem da travessia, algo que aquela pessoa conquistou e precisa reconhecer e validar. A troca final de todos para todos, foi bem intensa e verdadeira, uma experiência concreta de estudo e prática, afetiva e efetiva, uma aventura escolhida, onde cada um pertenceu e foi capaz de estar consciente.

A presença de um grupo potencialmente fortalecido, verdadeiramente, dentro das possibilidades e realidades, internas e externas, realiza nas travessias vividas, o toque de cura necessário para o sentido da vida, para que não se perca à deriva: a bússola da troca, o mapa da história, a permissão para ser a resistência da existência.

CONCLUSÃO

De acordo com as compreensões dos estudos, prática profissional e uma vivência pulsante da arteterapia, no corpo e na expressão da arte proposta, atividades dos orientadores, o sentido e o gosto do mergulho no inconsciente, no movimento e na busca de encontro e cura, da qualidade de vida, o transbordar da criatividade preciso a ser alcançado.

> Considera- se que o processo arteterapêutico desenvolve o ser humano em sua totalidade psíquica, provocando reflexões existenciais, estimulando a criatividade, desenvolvendo as relações afetivas sociais e familiares, e que é, também, excelente método para fortalecer o ego, a autoestima, possibilitando uma melhor qualidade de vida.[54]

Assim, é possível analisar e sentir mais profundamente na vivência do estágio relatado, a importância da arteterapia no contato com o outro, que se permite trocar e expressar através de materiais simples. A busca de conexão com a criança interior, com o adulto que precisa se rever e cuidar mais intensamente, o tempo de se refazer de forma responsável pela busca de sentido e resgate de recursos internos.

O propósito da travessia foi possibilitado pelo contato com a própria história: Quem eu sou no início dessa jornada? Que sombras me habitam que não enxergo? E quem eu quero me tornar ao final dela e partindo dela?

O especial desejo de encontrar uma imagem simbólica em contraponto ao mito inicial foi possível. O contra mito ou o novo mito, significou reescrever, reolhar o próprio percurso, tomar a travessia da vida de volta para si, às suas percepções e reflexões e do que querem e permitem viver a partir de um novo lugar no mundo interno e externo.

> Para se compreender o ser humano como um sistema que se reflete, se regula e que se determina, se faz necessário conhecer o seu sistema social, familiar, contexto cultural em que nasceu e cresceu.

---

[54] Ribas, G. A. *et* Tommasi, S. B. **Arteterapia Com Crianças Abrigadas.** *Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo.* Revista de Arteterapia da AATESP, vol. 7, N. 2, 2016 – p. 46.

> Principalmente conhecer a fase infantil, quando ocorre o desenvolvimento da personalidade. No inconsciente pessoal se reúnem os complexos, conjuntos de energias e afetos que refletem o condicionamento do início da vida. É nesta camada da psique que ficam armazenadas imagens, memórias afetivas, daqueles que tiveram efeitos sobre a nossa vida e que irão afetar os relacionamentos futuros. Os complexos, também, mostram a influência do meio ambiente cultural, as características de classe, raça, sexo, religião, política e educação. No centro de cada complexo reside uma imagem arquetípica.[55]

Um lugar interno adulto, com maturidade de busca, promove soluções de conflitos interiores, do grande drama do mito, através das atividades de introspecção, na imaginação ativa, nas expressões de arteterapia, frente ao espelho e à câmera com os arteterapeutas, na escrita criativa, na música que acalenta as vivências.

Foram surgindo curadores internos: para cada um chega alguém que luta por si mesmo, que transforma suas dores, se acolhendo e movendo para outras direções mais saudáveis e potentes, quem eles verdadeiramente vieram para ser, segundo seu real chamado, dentro de suas possibilidades e processos singulares, bem como suas realidades diversas.

Os curadores, denominados por eles próprios de “família terapêutica”, relataram, quase que com as mesmas palavras, no último encontro individual que, o mais valioso do processo foi o acolhimento, a troca. O sentimento de importância e autenticidade são percebidos, estando atentos ao processo enquanto grupo, como evidencia Câmara (2009), “Aprender a olhar, olhar os outros, sair um pouco do egocentrismo e do narcisismo, olhando os olhos de outrem e caminhando, ou em pares um de frente para o outro. Ao mesmo tempo se estende os braços na direção do companheiro em aceitação, mas também se experiência a agressividade”.

---

[55] Ribas, G. A. *et* Tommasi, S. B. **Arteterapia Com Crianças Abrigadas.** *Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo.* Revista de Arteterapia da AATESP, vol. 7, N. 2, 2016 – p. 58.

Constelando enquanto grupo, os participantes construíram um elo de empatia e apoio mútuo, que foi trazendo segurança e força no caminho, se acolhendo e se desenvolvendo, numa rede de proteção fortalecida, tendo a delicadeza de compartilhar dores e realizações, torcendo uns pelos outros em suas mudanças profundas e na vida como um todo.

A travessia enquanto processo, acolheu muito a cada um em sua criança ferida, se tornando para estas, o adulto que gostariam que estivesse ali presente, amando e cuidando deles em situações de crise. Eles estavam naquele momento, apreendendo a cuidar de seus vazios dolorosos através do contato com o auto amor, um diálogo franco e uma boa dose de ancoragem consigo mesmos, permitindo e estimulando sua coragem interior de forma mais ativa e conectada.

> A Arteterapia disponibiliza técnicas que estimulam a capacidade de criar imagens, formando assim, uma estância entre o mundo consciente e os mundos subjetivos. Ao desenhar, pintar, modelar, dobrar, ouvir e contar histórias, libera-se os desejos internos, e neste momento tudo pode acontecer. Crianças sofridas se transformam em lindas princesas, lindos príncipes, que moram em castelos magníficos. O mundo do faz de conta se torna real dentro do imaginário. Neste momento a psique ganha forças para se manter saudável.[56]

Os registros comentados no artigo sobre os *Contos em Nós* são uma forma afetuosa e potente de integração e agradecimento pela oportunidade de encontro à arteteterapia, na vida, na prática, curando os curadores e proporcionando cura, na sintonia da lida bem vivida, que pulsa por amor, sentido e verdade, nas trocas, nas jornadas, nas travessias contadas.

[56] Ribas, G. A. *et* Tommasi, S. B. **Arteterapia Com Crianças Abrigadas.** *Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo.* Revista de Arteterapia da AATESP, vol. 7, N. 2, 2016 – p. 59.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andersen, Hans Christian. **O Patinho Feio.** Ed. Scipione. Primeira edição, 1843.

Andrade, L. Q.. **Terapias expressivas.** 1ª Edição. São Paulo. Ed. Vetor, 2000.

Barbosa, H. L. S. **A tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani (1970 – 2019***): um diagnóstico historiográfico.* Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

Bodemeier, L. *et* Falaschi, C. L. **Resgate Do Feminino Através Das Deusas Gregas Na Arteterapia.** *Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo.* Revista de Arteterapia da AATESP, vol. 7, N. 2, 2016.

Câmara, M. V. A. apud Rogers C. **Reich, Grupos e Sociedade.** 1ª Edição. São Paulo. Editora Anna Blume, 2009.

Carvalho, R. **A arte de sonhar ser.** *Imagens da transformação.*Pomar. Rio de Janeiro, 2001.

Carvalho, R. **O potencial da arte ou a arte catalisadora.** Conferência apresentada noII Encontro Luso-Brasileiro de Arteterapia. Rio de Janeiro, 2008.

Chevalier J. *et* Gheerbrant J. C. A. **Dicionário dos Símbolos.** 18ª Edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2003.

Ciornai, S. **Arte-terapia: o resgate da criatividade na vida.** In M. J Carvalho (Org.), *A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia.* Editorial Psy II. Campinas, São Paulo, 1995.

Estés, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos.** 1ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 2018.

Fontana, David. **A Linguagem dos símbolos.** *Um compêndio visual para os símbolos e seus significados.* São Paulo. Madras, 2010.

Fraisse, Anne. **Escola Francesa de Análise Psico-Orgânica.** *Manual De Ensino*. Volume 6. Rio de Janeiro, 2006.

In: GRILLO, Nicia (org.). **Histórias da Tradição Sufi.** Editora Dervish. Rio de Janeiro, 1993.

Johnson, Robert A. **He: A Chave do Entendimento da Psicologia Masculina.** Edição 1991. São Paulo. Editora Mercuryo, 1987.

Jung, Carl. Gustav. **Fundamentos de Psicologia Analítica.** 10ª Edição. Petrópolis. Editora Vozes, 2001.

Matos, Gislayne Avelar e Sorsy, Inno. **O Ofício do contador de histórias.** Editora Martins Fontes, São Paulo, 2005.

Martins, D. de C. e S. **Arte-terapia e as potencialidades simbólicas e criativas dos mediadores artísticos.** Universidade de Lisboa. Lisboa, 2012.

Mitos de Criação: a mitologia tupi-guarani. YouTube, 2015. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=cwvZ8dXYx5g. Acesso em 15 de abril de 2021.

Pamplona Rosane. **As babuchas de Abu Kasem**: *Uma história das arábias.* Novas Histórias Antigas, Editora Brink-book.

Pamplona Rosane. **O sonho de Ismar.** Novas Histórias Antigas, Ed. Brink-book.

Phanem, Tolba. **A Canção dos Homens.** YouTube, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dSr6OAhq9Y4. Acesso em 15 de maio de 2021.

Reis, A. C. dos. **Psicologia: ciência e profissão.** *Arteterapia: a Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo.* CESUSC – Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina. Santa Catarina, 2014.

Ribas, G. A. *et* Tommasi, S. B. **Arteterapia Com Crianças Abrigadas.** *Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo.* Revista de Arteterapia da AATESP, vol. 7, N. 2, 2016.

Rodrigues A. D. **Correspondências lexicais e fonológicas entre Tupi-Guaraní e Tuparí.** *In*: CABRAL, A. S. A. C., e A. D. RODRIGUES, *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. EDUFPA. Belém, 2002.

Silveira, Nise da. **O mundo das imagens.** 1ª Edição. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

Unkel C, N. **As lendas da criação e destruição do mundo como Fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani.** Editora Hucitec. São Paulo, 1987.

ANEXOS

Figura 1

Figura 2

Figura 3

Figura 4

Figura 5

Figura 6

Figura 7

Figura 8

Figura 9

Figura 10

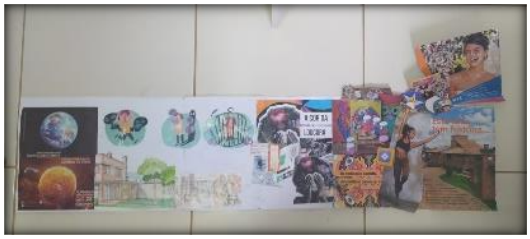

Figura 11

Figura 12

Figura 13

Figura 14

Figura 15

Figura 16

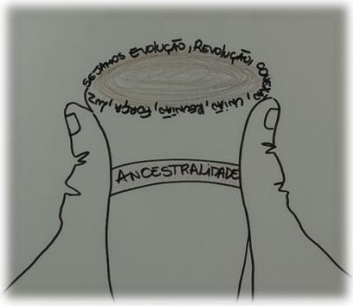

Figura 17

Figura 18

Figura 19

Figura 20

Figura 21

Figura 22

Figura 23

Figura 24